

O COMBATE DA ORAÇÃO

A oração, tal como a vida cristã, não é fácil. Os grandes orantes que encontramos na Bíblia e na história da Igreja ensinam que a oração não é confortável. Sim, podemos rezar como os papagaios – blá-blá-blá – mas isto não é oração. A oração certamente é fonte de paz, mas passas através de uma luta interior, por vezes dura, que pode acompanhar até longos períodos da vida.

A oração nunca é fácil, pura e simplesmente, porque o Maligno usa toda a sua habilidade para nos desviar. Isso traduz-se, entre outras coisas, em termos concretos, numa grande dificuldade em sermos fiéis à nossa oração quotidiana. Encontramos sempre boas razões para deixar a oração e voltar ao trabalho.

Quando nos recolhemos para a oração, de repente, aparecem à nossa mente as nossas atividades, que se apresentam como mais importantes e mais urgentes: *«quando procuro recolher-me para rezar um pouco, lembro-me que devo fazer isto e aquilo, tenho a impressão de que estou a perder tempo, enquanto as outras atividades são concretas e mais urgentes; assim, pelo turbilhão dos meus pensamentos deixo a oração e volto ao trabalho»*.

As tentações das atividades urgentes faz-nos abandonar a oração. Fugimos da oração, não sei por que, mas é assim. Quase sempre, depois de termos adiado a oração, percebemos que aquelas coisas não eram pois tão urgentes, e que desperdiçamos tempo em muitas outras coisas. É o Inimigo que nos engana!

O Catecismo fala do combate da oração.

A oração é dom da graça, mas exige uma resposta decidida da nossa parte. «*Pressupõe sempre um grande esforço. A oração é um combate contra nós mesmos e contra as astúcias do Tentador que faz de tudo para desviar o homem da oração e da união com Deus*» (Catecismo, 2725)

Todos os orantes, homens e mulheres, relatam a alegria da oração, mas também o desconforto e o cansaço que ela pode provocar e, por vezes, é uma luta difícil conseguir respeitar os tempos e as formas de oração. Alguns santos lutaram durante anos, sem experimentar o gosto da oração, e perceberem a sua grande utilidade.

A oração em si mesma é uma atividade simples, basta abrir o coração a Deus, mas não é fácil concentrar-se para a oração. É uma luta árdua porque, por vezes, a própria natureza humana rebela-se. Preferiríamos estar em qualquer outra parte do mundo, do que estarmos sentados num banco da igreja em oração.

O Catecismo enumera uma longa lista de inimigos da oração, aqueles que tornam difícil rezar, que põem dificuldades.¹⁷⁹

No combate da oração, temos de enfrentar, em nós e à nossa volta, concepções erróneas da oração. Alguns vêem nela uma simples operação psicológica; outros, um esforço de concentração para chegar ao vazio mental; outros ainda, reduzem-na a atitudes e palavras rituais. No inconsciente de muitos cristãos, rezar é uma ocupação incompatível com tudo o que têm de fazer: não têm tempo. Os que procuram a Deus na oração desanimam depressa, porque não sabem que a oração também vem do Espírito Santo e não somente de si próprios. (Catecismo, 2726)

Em primeiro lugar, as concepções erradas sobre a oração. Alguns suspeitam que oração seja uma simples operação psicológica, outros, influenciados pela Nova Era, procuram uma

concentração para chegar ao vazio mental; outros, em fim, a reduzem em atitudes e palavras rituais. No fundo, não suportam o silêncio de Deus, por isso, duvidam que a oração possa realmente alcançar o Todo-poderoso.

Contudo, os piores inimigos da oração estão dentro de nós. O Catecismo os designa assim:

*«desânimo na aridez, tristeza por não dar tudo ao Senhor, porque temos muitos bens (Mc 10, 22), decepção por não sermos atendidos segundo a nossa própria vontade, o nosso orgulho ferido que se endurece perante a nossa indignidade de pecadores, alergia à gratuidade da oração, entre outras. A conclusão é sempre a mesma: a que serve orar? Para vencer tais obstáculos, é preciso combater com humildade e confiança».*¹⁸⁰

«Outra dificuldade, especialmente para os que querem rezar com sinceridade, é a aridez. Faz parte da oração em que o coração está seco, sem gosto pelos pensamentos, lembranças e sentimentos, mesmo espirituais. É o momento da fé pura, que se aguenta fielmente ao lado de Jesus na agonia e no sepulcro. «Se o grão de trigo morrer, dará muito fruto» (Jo 12, 24). Se a aridez for devida à falta de raiz, por a Palavra ter caído em terreno pedregoso, o combate entra no campo da conversão (Lc 8, 6.13)» (Catecismo, 2731)

Nos tempos de provação, é bom lembrar que não estamos sozinhos, que alguém olha para nós e nos protege. Até Santo Antão Abade, fundador do monaquismo cristão, enfrentou momentos terríveis no Egito, quando a oração se tornou uma dura luta. O seu biógrafo, Santo Atanásio, bispo de Alexandria, narra que um dos piores episódios aconteceu ao Santo Eremita por volta dos trinta e cinco anos, a meia idade que, para muitas

peçoas, comporta uma crise. Antão ficou perturbado com aquela provação, mas resistiu. Quando finalmente voltou a sentir-se sereno, dirigiu-se ao seu Senhor com um tom quase de reprovação: “Onde estavas? Por que não vieste imediatamente para pôr fim aos meus sofrimentos?”. E Jesus respondeu: “Antão, eu estava lá. Mas esperava para te ver combater”.¹⁸¹

Se, num momento de cegueira, não conseguirmos vislumbrar a Sua presença, consegui-la-emos no futuro. Também nós um dia poderemos repetir a frase que o patriarca Jacó disse certa vez: «*Em verdade, o Senhor está neste lugar, e eu não o sabia!*». ¹⁸² No final da nossa vida, olhando para trás, também nós poderemos dizer: «*Pensava que estava sozinho; não, não estava: Jesus estava comigo*». Todos poderemos dizer isto.

CAPÍTULO 32

¹⁷⁹ Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2726-2728.

¹⁸⁰ *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2728.

¹⁸¹ *Vida de Antônio*, 10.

¹⁸² Gn 28,16.